

Introdução
(Sonho-me como sou)



A minha mãe e a minha tia Ana em frente ao restaurante dos meus avós.



Os meus avós maternos, João e Helena, nos finais dos anos 70.

“Uma vez perguntaram-me como é que eu me sonhava. Se em alguns sonhos ganharia mãos, se as próteses se transformavam em pernas. Não precisei de pensar muito: sonho-me como sou.

Nunca me vi de outra forma e por isso talvez nem tenha sequer imaginação para construir outra imagem. Desde pequenino que sei que sou assim, sei que sou diferente. Gosto de mim como sou.”

Paulo Azevedo nasceu sem mãos e sem pernas numa quinta-feira, dia 29 de Outubro de 1981. Nesse ano não muito remoto, Portugal era outro país, mais isolado e mais distante de uma Europa dividida por uma cortina de ferro e pela guerra fria.

A política portuguesa recuperava ainda do desaparecimento súbito de Francisco Sá-Carneiro, o chefe do Governo, que morrera em Camarate a 4 de Dezembro de 1980. Ramalho Eanes fora reeleito Presidente, Francisco Pinto Balsemão era Primeiro-Ministro. O 25 de Abril tinha sido há seis anos.

1981 seria também o ano do nascimento da futura rainha da *Pop*, Britney Spears, e da morte do rei do *reggae*, Bob Marley. Nesse ano, que marcou o aparecimento da MTV nos Estados Unidos, milhões de portugueses assistiam pela televisão, ainda a preto e branco, ao conto de fadas da era moderna: o casamento de Carlos, o herdeiro do trono de Inglaterra, com Diana Spencer.

Em Portugal, os príncipes encantados usavam brilhantina e bigode, como a maior parte do plantel do Benfica, que na época de 1980/81 se sagrou campeão nacional com um treinador húngaro – Lajos Baroti – e nenhum jogador estrangeiro.

O mundo era maior sem Internet. Não havia telemóveis nem cartões Multibanco, nem vídeos ou videovigilância, nem Via Verde na única auto-estrada de Portugal, a que haveria de ligar Lisboa ao Norte, mas que terminava no Centro, às portas de Leiria.

Tal como hoje, em 1981, a família de Paulo Azevedo vivia na Redinha, uma pequena povoação do concelho de Pombal, a 30 quilómetros a norte de Leiria.

A casa, o restaurante e a loja de artesanato, construídos pelos avós maternos de Paulo à beira da Nacional 1, eram na altura ponto de passagem obrigatório para quem seguia para o Norte ou descia ao Sul. Sem auto-estrada, o negócio prosperava.

Em 1981, João da Silva tinha 43 anos e Helena Varela Silva 35. Depois de vários anos de emigração em França, o casal instalara-se em definitivo na Redinha com as duas filhas: Ana e Clara.

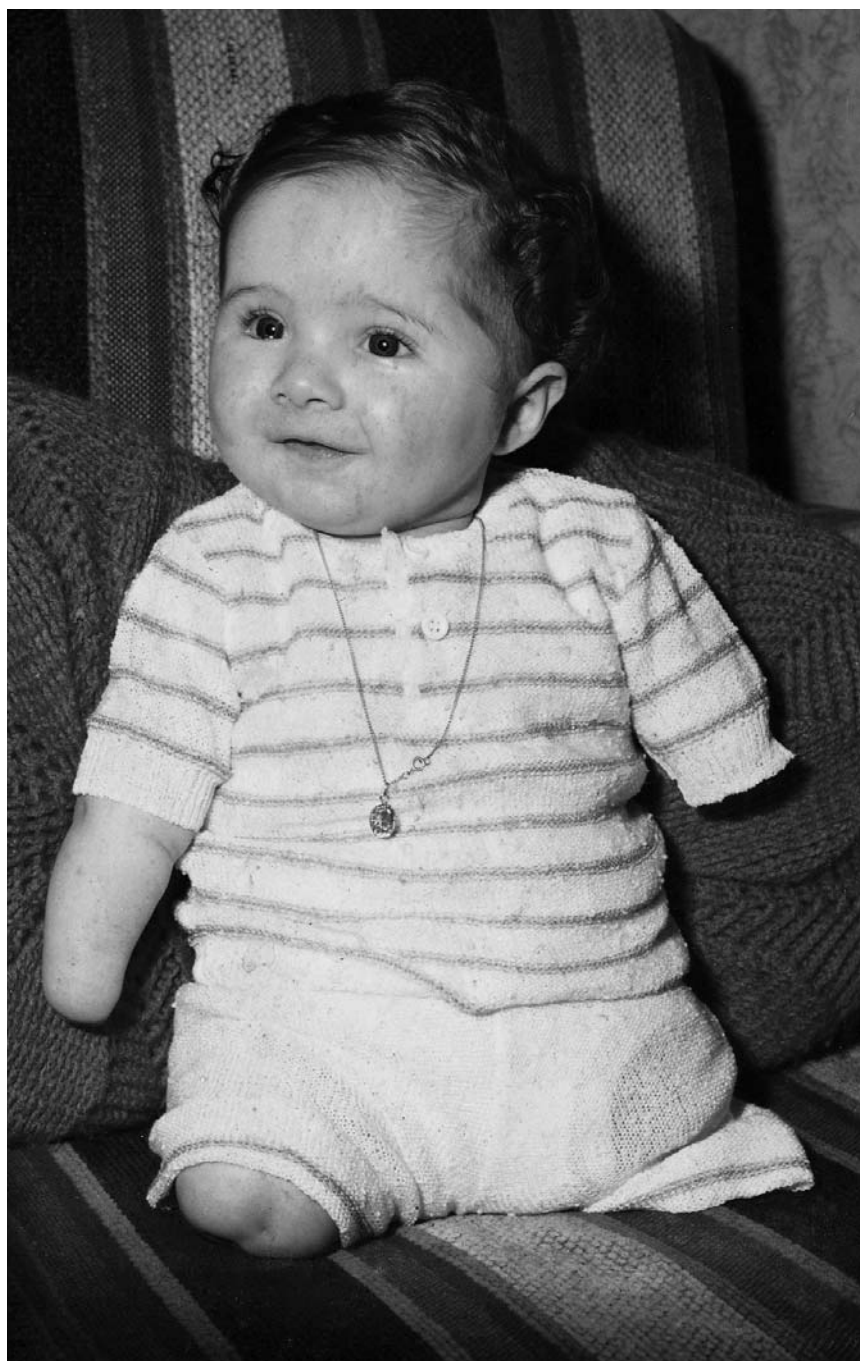
Clara tinha 16 anos e andava no liceu. Queria ser enfermeira e tinha um namorado, Joaquim, de 18 anos. Percebeu que estava grávida só no quarto mês de gestação. Contou a Joaquim, mas escondeu a gravidez dos pais e da irmã. Perto do sétimo mês, deixou de conseguir disfarçar a barriga e procurou coragem para dizer ao pai.

João da Silva teve menos de quatro semanas para se refazer do choque que a notícia lhe provocara e que na altura lhe parecia a maior das desgraças.

No início do oitavo mês de gestação, por se suspeitar que o bebê de Clara tivesse de nascer de cesariana, foi marcado um raio X, um procedimento habitual no tempo em que as ecografias em Portugal eram ainda uma raridade.

Paulo acabaria por nascer nesse mesmo dia, de cesariana, na maternidade Bissaya Barreto, em Coimbra. “Foi o drama, a tragédia, o horror...”, diz Paulo com voz encenada. Na altura, a família sentiu tudo isto visceralmente, sem nenhuma da leveza com que Paulo tenta olhar para o passado. Foi talvez o pior momento das suas vidas, que naquele instante mudariam para sempre. Não tinham como saber que aquilo que lhes parecia um terrível engano da natureza iria confrontá-los com fraquezas e medos que desconheciam e revelar-lhes forças que também não sabiam em si. Naquele dia, não podiam saber que aquela criança incompleta iria transformar-se numa pessoa preciosa, ao lado de quem a vida parece fazer mais sentido.

O dia do meu nascimento



Depois do choque inicial, a minha boa disposição depressa conquistou tudo e todos.

Os meus pais fizeram exames e mais exames, mas nunca se percebeu por que razão eu tinha nascido assim. Durante muito tempo o fantasma da dúvida perseguiu a minha família, sobretudo a minha mãe, que também sofreu com as especulações que se fizeram em torno da gravidez. O mais provável é que nunca cheguemos a saber. Ainda penso nisso, às vezes.

Eu nasci com oito meses, antes do tempo e sem que nada o fizesse prever. Na manhã do dia 29 de Outubro de 1981, a minha mãe estava a caminho de uma consulta e de um raio X em Coimbra quando lhe rebentaram as águas. Ia com a família na carrinha do meu avô e foi um pandemónio. Contam que a minha bisavó Gracinda – a tal que era de gancho – nem uma única vez olhou para a neta. Não estava ainda refeita do choque que a notícia da gravidez lhe causara. Seguiu viagem apenas porque também tinha uma consulta marcada em Coimbra. Morreu poucos meses depois. A minha bisavó Celeste, que também ia na carrinha, mas só para fazer companhia, é que foi o caminho todo de mão dada com a minha mãe.

Quando chegaram à maternidade Bissaya Barreto, ligaram ao meu pai e à minha futura madrinha, Júlia, que trabalhava no Instituto Português de Oncologia de Coimbra, para que fossem lá ter. A minha mãe ainda fez o raio X, mas já com dores de parto. Até aí tudo corria normalmente. Não faziam a ideia de que vinha aqui um rebento de soja.

Como nasci de cesariana, acabou por ser a minha madrinha, que conhecia muitos médicos na maternidade, a receber a notícia. Foi a primeira pessoa da família a ver-me e teve a dolorosa tarefa de contar aos meus avós, ao meu pai e à minha mãe.

O que terá pensado cada uma das pessoas da minha família quando soube? Não é fácil imaginar esse desespero. Acho que passou pela cabeça de todos que, se calhar, o melhor era eu não ter nascido. É perfeitamente normal. É como quando alguém está em coma e os médicos dizem “quando recuperar, se recuperar, não terá mais do que cinco por cento das capacidades cerebrais”. O que é que se pensa? Que, se calhar, mais vale morrer.

Quando a minha mãe acordou da anestesia, a minha madrinha aproximou-se dela e disse-lhe:

– Clara, o teu filho não é igual aos outros meninos, houve um problema. Se não estiveres preparada para o ver, eu não vou buscá-lo já.

– O que é que se passa com o bebé?

A minha madrinha não conseguiu encontrar palavras para responder àquela pergunta. Foi ao berçário, pegou em mim e perguntou à minha mãe se queria mudar-me a fralda. Eu vinha embrulhado numa manta e, quando me destapou, a minha mãe olhou para mim e – talvez ainda meio anestesiada – o primeiro comentário que fez foi:

– Se fosse na cabeça, era pior, não era?

Ficou apática, sem conseguir reagir, mas foi a pessoa que melhor encarou a situação.

O que o meu pai sentiu naquele momento e o que pensou sobre tudo o que estava a acontecer permanece até hoje um mistério. Nunca fez um comentário. Mesmo quando a minha

mãe o encontrava a chorar, era incapaz de desabafar. Mas também nunca me rejeitou.

O meu avô diz que teve vontade de desaparecer. Durante quatro ou cinco dias, não conseguiu aproximar-se. Subia as escadas da maternidade e acabava sempre por voltar para trás, com medo do que iria encontrar. Na véspera da minha saída da maternidade, ganhou finalmente coragem e foi ver-me. Conta a minha mãe que durante esses primeiros minutos se manteve calado, sem dizer uma única palavra, sem conseguir olhar para mim, e sem reagir a nenhuma das inúmeras tentativas da minha mãe para quebrar o gelo e o silêncio. Mas o meu avô acabaria por ser a primeira pessoa para quem eu sorri. Conquistei-o irremediavelmente. Nunca mais me largou.

Com o passar dos dias, o desespero e a revolta começaram a esbater-se e a dar lugar ao amor. A minha avó conta que, ao fim da primeira semana, já não me “achava defeito”, que eu era tão lindo que parecia de cera. Não era eu que mudava, mas sim o olhar dos outros.

Era o ai-jesus das enfermeiras, que andavam sempre comigo ao colo. A minha avó diz que eu quase nunca chorava. Ainda na maternidade, tinham de me acordar para mamar porque nem a fome me fazia chorar ou despertar. Deve ser verdade porque ainda hoje gosto muito de dormir.

A notícia do meu nascimento acabaria por sair no jornal, no “Diário de Coimbra”, sem que a minha família tivesse sido informada. Os meus avós ainda ponderaram processar a pessoa responsável, mas nunca conseguiram descobrir quem foi, sabiam apenas que tinha sido alguém que trabalhava na maternidade. Foi o meu primeiro contacto com os *media*...

Na Bissaya Barreto tinha havido, anos antes, uma situação parecida com a minha: uma menina que tinha nascido sem braços e sem pernas. Nesse caso, a malformação tinha sido provocada pela talidomida, um princípio activo de um medicamento que, anos antes, era utilizado para combater os enjoos e a ansiedade durante a gravidez. A minha mãe nunca tomou nada. Além disso, quando eu nasci, a talidomida, responsável pela malformação de centenas de fetos em toda a Europa, tinha sido retirada do mercado há mais de uma década. Os meus pais fizeram exames e mais exames, mas nunca se percebeu por que razão eu tinha nascido assim. Durante muito tempo o fantasma da dúvida perseguiu a minha família, sobretudo a minha mãe, que também sofreu com as especulações que se fizeram em torno da gravidez. O mais provável é que nunca cheguemos a saber. Ainda penso nisso, às vezes.

Muitos anos depois, no tempo em que estive a estudar em Coimbra, passei por uma fase em que comecei, de facto, a preocupar-me com o futuro e a querer saber o que poderia acontecer se tivesse filhos. Informe-me sobre o meu processo na Bissaya Barreto e fui ao Hospital da Universidade. Fizeram-me uma série de exames. De acordo com os resultados, o meu caso não é genético e poderei, por isso, ter filhos absolutamente normais. O médico disse-me: “Oh rapaz! Tem um, três, quatro... Tem quantos tu quiseres que isso não tem nada a ver com o teu sistema genético, és perfeitamente saudável”.

Há uns tempos, fui contactado pela mãe de um bebé, o Tiago, que nasceu, em 2005, mais ou menos como eu e que tem um irmão gémeo que é absolutamente normal. Durante a gravidez não se suspeitou de nada. Nas ecografias, um dos bebés tapava sempre o outro, por isso só no nascimento é que

a mãe soube. Eu fui a primeira pessoa a dizer-lhe que não desistisse do bebé, ainda mais nestes tempos, em que as tecnologias estão tão avançadas.

Já me perguntaram o que faria se me acontecesse algo de semelhante e a minha resposta é apenas uma: tinha de apoiar essa criança, tal como fizeram comigo. E se tivesse a possibilidade de saber antes que a criança teria alguma limitação, o que faria? Não tenho nenhuma dúvida de que queria que ela nascesse. Pode vir a ser uma pessoa extraordinária.

Confesso que sou um pouco céptico em relação a Deus, mas quero acreditar que existe uma razão para virmos ao mundo. Por quê impedir que uma criança nasça e lute por aquilo que quer?

Se um dia tiver um filho com problemas, não o abandonarei. A mim não me abandonaram.